

A experiência da Feira no Sítio: avanços e desafios à construção de um circuito curto de comercialização da agricultura familiar agroecológica em Manaus-AM

The experience of the Fair at the Farm: advances and challenges in building a short marketing circuit for agroecological family farming in Manaus-AM

SÁ, Marnilda Pereira¹; CORREIA, Luciana Dias²; DINIZ, Raphael Fernando³.

¹Sítio Agroecológico Santa Rita, sa.marnilda@gmail.com ²Sítio Agroecológico Santa Rita, ldias.floresta@gmail.com; ³Universidade Federal do Amazonas – UFAM, diniz@ufam.edu.br

RELATO DE EXPERIÊNCIA POPULAR

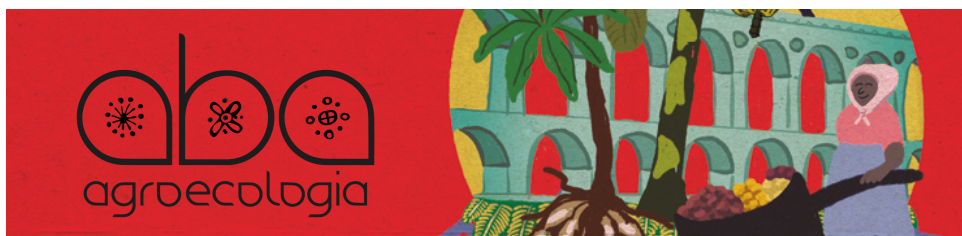
Eixo Temático: Sistemas Agroalimentares e Economia Solidária

Apresentação e Contextualização da experiência

O projeto Feira no Sítio se deu a partir de uma experiência vivenciada por duas mulheres, autoras deste relato, no evento “Divas do Agro” em julho de 2022, realizado pelo Sebrae-AM e parceiros. No evento, fomos convidadas a levar o que estávamos produzindo no sítio, embora os organizadores já soubessem que o nosso produto era, na verdade, a prestação de serviços em compartilhar o conhecimento agroecológico. Nessa oportunidade, foi possível estabelecer alguns contatos do tipo *network* e conceder entrevistas a vários jornais (inclusive, uma dessas entrevistas foi página de um jornal com bastante alcance popular na cidade de Manaus). Ou seja, saímos do anonimato de repente e esse foi o *start* para despertar o interesse em fazer algo que fosse diferente na comunidade onde residimos desde junho de 2014, localizada no Ramal do Brasileirinho, área periurbana que ainda apresenta um corredor ecológico. Nesta comunidade, administramos um sítio em transição agroecológica, que busca oferecer alternativas de sustentabilidade e empoderamento da mulher do campo pelo viés da agroecologia.

Para consecução do projeto, buscamos parcerias locais da Associação de Produtores Rurais do Brasileirinho e também da Secretaria Municipal de Abastecimento Agropecuário a fim de oferecer as condições adequadas aos agricultores e agricultoras expositores. A primeira edição desse projeto foi tão incrível que decidimos repetir sempre aos primeiros domingos de cada mês. E como Manaus é uma cidade que possui um clima equatorial – quente (sol intenso), o verão amazônico, e com chuvas intensas no inverno amazônico –, optamos por realizar a feira somente no período do verão para não atrapalhar a programação, que, além da feira, incluímos oficinas de curta duração para despertar o conhecimento agroecológico dos expositores.

O local escolhido para a realização da feira é um espaço que ainda tem área verde (área de preservação), sombra e um ambiente agradável para reunir pessoas. Por ser um projeto ousado, entendemos que ao resgatar esse contato com a natureza,



movimentando a economia local, poderíamos ser referência para que outras comunidades também pudessem fazer o mesmo. E para além da comercialização dos produtos oriundos da agricultura familiar, o espaço também possibilita repensar a nossa relação com o meio ambiente. Nesse sentido, de alguma forma, estamos trabalhando a educação permanente em agroecologia, demonstrando que é possível manter a floresta de pé, cuidar do solo que é protegido pelas folhas e micro-organismos que contribuem para os ciclos biogeoquímicos essenciais para a nutrição das plantas, buscando, desse modo, estarmos harmonia com a mãe Terra.

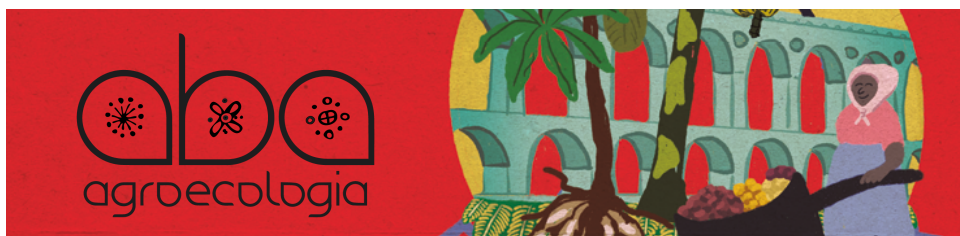
A primeira edição da feira ocorreu no mês de agosto de 2022. Nos meses seguintes, sempre aos domingos, foram realizadas novas edições. Cerca de 10 famílias de agricultores familiares estavam participando como expositores, e, além das hortaliças, frutas e verduras, ainda era possível encontrar: plantas medicinais, ornamentais, artesanatos, brechó, exposição de animais como: galinha caipira, pintinhos, coelho, preá, patinhos, picotes e etc.

Desenvolvimento da experiência

Quando decidimos realizar a feira no sítio, o primeiro contato que fizemos foi com a presidente da Associação dos Produtores Rurais do Brasileirinho. Compartilhamos com ela o nosso desejo em não deixar esfriar o “Divas do Agro”, muito embora esse nome não condiga com o que buscamos nesse caminho da agroecologia, mas entendemos que era uma janela de possibilidades que estava se abrindo e que não poderíamos deixar passar. E a escolha da feira acontecer no Sítio Agroecológico Santa Rita tinha um porquê: éramos duas mulheres que estavam buscando empoderamento desse trabalho rural pouco conhecido, e a oportunidade de abrir o espaço para outras pessoas poderem comercializar seus produtos, pra gente era a chance de divulgar o que estávamos fazendo nesse território (a comunidade do Brasileirinho) que, infelizmente, ainda não dança o mesmo passo na busca pela sustentabilidade, mas que não poderíamos desistir de tentar viabilizar com que a agroecologia chegasse ao conhecimento da comunidade.

Desta forma, a Associação entendeu a nossa demanda e disse que apoiaria o que estávamos planejando, e assim seguimos. Enviamos um ofício à Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento para solicitar apoio de mesas, cadeiras e tendas para os expositores; criamos um grupo no *WhatsApp* para organizar quantas pessoas iriam expor e o que trariam. Não cobramos nada de valores para a realização desse trabalho, uma vez que entendemos que a união faz a força, e que ao trabalhar em coletivo a gente se fortalece e a comunidade cresce e prospera.

Na primeira edição, tivemos um público de fora da comunidade que surpreendeu a todos nós. Uma família que mora no brasileirinho há mais de 20 anos e que viveu exclusivamente da agricultura familiar por muito tempo, e que já comercializa seus produtos em feiras, nos relatou que nunca tinha vendido tanto como vendeu naquele dia, e por questão ética não perguntamos quanto conseguiram vender, mas voltaram para suas casas felizes. Além disso, o café da manhã que estava sendo



vendido por um valor acessível também não deu para todos e todas, teve gente que ainda saiu reclamando porque o café acabou. Não conseguimos apresentar um quantitativo de pessoas que circularam pelo sítio naquele dia 21 de agosto de 2022, mas acreditamos que passaram por aqui, aproximadamente, 200 pessoas, entre moradores da comunidade e visitantes. E, para ressaltar, o sítio fica em um bairro periférico e distante 25km do Teatro Amazonas, localizado no centro da cidade de Manaus-AM.

A organização da feira conta diretamente com a nossa atuação, duas mulheres sitiantes e agricultoras que estão nesse movimento de empoderamento da mulher no contexto rural. Por outro lado, cerca de 10 famílias nos apoiam indiretamente, realizando a divulgação do evento a cada mês.

A ideia era fazer com que a feira tomasse um ritmo desacelerado, oposto a outras feiras onde você vai, compra e imediatamente vai embora. O objetivo era justamente o oposto dessa realidade urbanizada, era de frear um pouco a correria da vida urbana nesse dia de feira no sítio, ter um lugar para sentar e conversar sem pressa - por isso a ideia do café da manhã com produtos regionais - além dos momentos de roda de conversa, oficinas, e isso tudo acontecendo simultaneamente com a feira. Deixando o ambiente disponível para quem desejar participar desse ritmo entre comprar, sentar embaixo de uma árvore, levar sua criança para passear pelo sítio, ouvir os assuntos mais aleatórios de quem mora desse lado da cidade, que tem acesso a uma réplica da grande floresta amazônica no quintal de casa, e ficar à vontade, como se estivesse no seu quintal também, porque de alguma forma, a ideia era também de resgatar essa vivência outrora com nossos avós, de valorizar o tempo que anda sempre no ritmo acelerado. E o domingo da feira também proporcionou aproveitar o momento em família.

Sobre as oficinas e ou troca de experiência que aconteceram, destacamos:

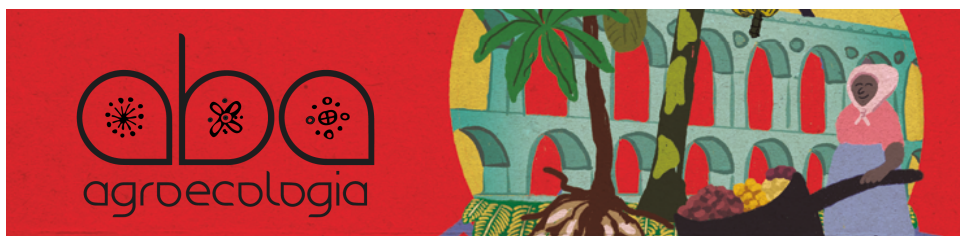
1ª edição: Roda de conversa “êxodo urbano e a experiência de morar no sítio”

2ª edição: Prática de Agricultura sem Queima – ASQ Embrapa Amazônia Ocidental (parceria)

3ª edição: Oficina Lixo Zero – Instituto Lixo Zero Brasil/Manaus – (parceria)

4ª edição: Breve apresentação do Meliponário Rural e a importância das abelhas para a polinização do que plantamos e consumimos!

Esse momento de compartilhar o conhecimento era lançado como convite, pois entende-se que o trabalho de educação ambiental de cunho social perpassa por um querer, de sentir-se à vontade para chegar à roda de forma voluntária. Então, quem se dispôs a participar veio sem pressão ou por obrigação. Desta forma, a gente acredita que a semente da agroecologia vai sendo germinada, pois impor a mudança pode muitas vezes afastar as pessoas de entenderem o que é agricultura convencional e a não convencional, não é só informar sobre o risco de usar um agrotóxico ou fazer plantação sem queima, mas trazer possibilidades de autonomia e pertencimento para o trabalho que já se realiza na terra.



Desafios

O desafio maior à continuidade desse projeto é a falta de incentivo por parte do poder público com a disponibilização contínua de material de apoio como mesas, cadeiras e barracas – já houve situações em que o material não chegou e tivemos que nos desdobrar para resolver essa questão. Para sanar esse problema, tentamos submeter um projeto para incentivo às feiras-livres, mas não obtivemos êxito no processo. Ademais, a Associação que apoia o nosso trabalho também não tem recursos financeiros, e, por isso, fica limitada a fazer pequenas concessões.

Quanto ao desafio de dimensão ecológica, como fora citado nos parágrafos anteriores, a comunidade do Brasileirinho é uma localidade com pouca tradição no uso dos princípios agroecológicos na agricultura. Ainda temos na comunidade muitas pessoas com visão de que “o agronegócio é que alimenta as famílias brasileiras”, uma cultura enraizada nos velhos costumes de que a terra precisa ser areada para oferecer bons frutos etc. Neste sentido, trata-se de um desafio de longo prazo que precisa ser enfrentado com estratégias de mudança de comportamento para com o meio ambiente. Por isso, a ideia de oferecer oficinas educativas foi pensada para acontecer no mesmo dia da feira, e, paulatinamente, trazer informações que façam repensar o jeito que cuidamos do solo.

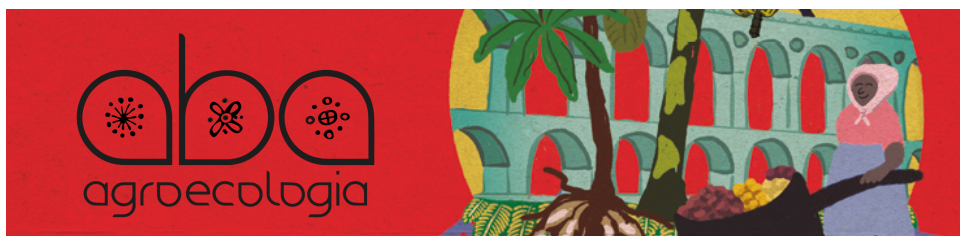
Para sanar ou mitigar estas questões, estamos buscando mais autonomia a partir da realização de parcerias com amigos que compraram a ideia da Feira no Sítio. A parceria com a Secretaria Municipal de Agricultura não prosperou, uma vez que a instituição estava usando o momento de eleição para fazer campanha ao candidato que o prefeito estava apoiando e nós idealizadoras desse projeto não aceitamos o apoio como moeda de troca.

Principais resultados alcançados

Um dos pontos fortes desse projeto foi conhecer outros produtores que já trabalham comercializando seus produtos direto ao consumidor há mais de 30 anos, e isso foi impactante, pois já moramos nesse sítio há pelo menos 8 anos e não conhecíamos toda a comunidade, que tem aproximadamente 5 mil famílias residentes nesse território - porém nem todas são pessoas produtoras rurais.

Disseminação da experiência

Pudemos observar que muitas pessoas elogiam a iniciativa, os moradores, que vivem do que plantam, mas não são conhecidos, disseram que esse movimento melhorou a renda da família, ainda que a feira só aconteça uma vez por mês. Além disso, a feira possibilitou fazer contato direto com quem consome, e assim, mesmo nos dias em que não há feiras no sítio, os consumidores podem realizar novas compras indo direto à propriedade da agricultora/agricultor (FIGURAS 1, 2 e 3).



Ou seja, a feira possibilitou a criação de um circuito curto de comercialização agroalimentar, baseado na reaproximação entre agricultor e consumidor por meio da venda direta, tornando-se um espaço-tempo de relações solidárias, afetivas e interpessoais que contribuem para a organização sociopolítica e o engendramento de novas formas de resistência por agricultoras e agricultores que buscam se reempoderar ao redimensionar suas relações de poder e por consumidores que anseiam por adquirir produtos mais naturais, frescos, saudáveis e regionais.

Neste sentido, em um contexto político-econômico e sócio-histórico marcado pelo agravamento da crise sanitária, aumento dos índices de desemprego e das taxas de inflação (sobretudo de gêneros alimentícios), avanço da fome e da miséria nas cidades e no campo brasileiro, experiências como esta relatada tornam-se fundamentais para a construção de circuitos curtos de comercialização que aproximam geográfica e socialmente sujeitos sociais empenhados na promoção da soberania alimentar e nutricional nos espaços urbano e rural.



FIGURA 1: Agricultoras e agricultores agroecológicos e consumidores durante a primeira edição da Feira no Sítio. Sítio Agroecológico Santa Rita, Comunidade do Brasileirinho, Manaus-AM. Autora: SÁ, M. P. (2022)



Figura 2: Oficina “Prática de Agricultura sem Queima – ASQ”, realizada por pesquisadores da Embrapa Amazônia Ocidental durante a segunda edição da Feira no Sítio. Sítio Agroecológico Santa Rita, Comunidade do Brasileirinho, Manaus-AM. Autora: SÁ, M. P. (2022)



Figura 3: apresentação do Meliponário Rural e da importância das abelhas para a polinização do que plantamos e consumimos, durante a terceira edição da Feira no Sítio. Sítio Agroecológico Santa Rita, Comunidade do Brasileirinho, Manaus-AM. Autora: SÁ, M. P. (2022)